

O MERCADO DE CRÉDITO BANCÁRIO BRASILEIRO: ANÁLISE DO CICLO DE CRÉDITO RECENTE PARA FINANCIAMENTO EMPRESARIAL NO SEGMENTO DE RECURSOS LIVRES

INSTITUTO DE ECONOMIA – UNICAMP

Bolsista: Mateus Bettine Bernardo (*mateus.sbernardo@gmail.com*)

Orientadora: Daniela Magalhães Prates (*danibrates@eco.unicamp.br*)

Agência Financiadora: CNPq

Palavras-chave: Crédito – Financiamento - Brasil

Introdução

O crédito é crucial na dinâmica da economia, pois ele é capaz de criar poder de compra, viabilizando os gastos (investimento e consumo) sem a necessidade de constituição prévia de poupança. Dessa forma, os bancos exercem um papel fundamental na medida em que adiantam os recursos, necessários para manter o ciclo de acumulação na economia capitalista, isto é, a geração de lucros.

Metodologia

O desenvolvimento do projeto baseou-se numa extensa pesquisa bibliográfica, que selecionou os principais textos dedicados ao objeto de estudo. Também foi realizada uma coleta de dados sobre o mercado de crédito, sobretudo no site do Banco Central do Brasil, indispensáveis para a construção dos gráficos e tabelas.

Resultados

No Brasil, a relação crédito/PIB (gráfico 1), principal indicador da evolução do estoque de empréstimos de um país, ainda é baixa em comparação com outros importantes países. No entanto, a partir de maio de 2003, o mercado de crédito bancário brasileiro assistiu a uma intensa expansão, consubstanciada pela melhora do cenário macroeconômico do país. A evolução favorável da taxa de câmbio diante da abundância de liquidez internacional foi determinante, pois implicou em um comportamento benéfico tanto da inflação como da taxa de juros.

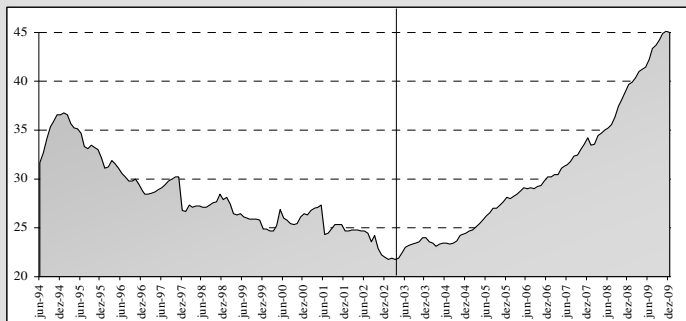


Gráfico 1 – Evolução do estoque de crédito em porcentagem do PIB

Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração própria.

Nesse contexto de inflação sob controle, taxa de juros em queda e estabilidade cambial, as expectativas quanto ao desempenho da economia se tornaram positivas, fazendo com que os bancos identificassem na concessão de empréstimos uma ótima oportunidade de lucro. A princípio, o crédito se dirigiu às pessoas físicas, segmento considerado inicialmente mais atrativo por causa das maiores taxas de juros praticadas. Com a recuperação vigorosa da economia e o aumento da demanda por recursos pelas firmas a partir de meados de 2007, os empréstimos empresariais passaram a liderar o crescimento do estoque de crédito. Vale ressaltar que essa expansão no volume de empréstimo se deu sobretudo a partir de recursos livres, no qual as condições de crédito são pactuadas livremente entre os mutuários e as instituições financeiras e os recursos são provenientes da tesouraria dos bancos (ver gráfico 2).

Todavia, esta expansão nas concessões de empréstimos às empresas aconteceu em meio a um contexto de deterioração das condições macroeconômicas internas, como elevação da taxa de juros básica diante das expectativas inflacionárias e perda de dinamismo do mercado de capitais, e no âmbito internacional, evidente na escassez de recursos externos diante do agravamento da crise *subprime* nos países centrais. Pelo gráfico 3 é possível observar o impacto deste cenário negativo sobre os juros e prazos nos empréstimos direcionados às empresas a partir de 2008: a taxa de juros se elevou e os prazos se estabilizaram. A única variável que parecia seguir uma trajetória benéfica era a taxa de câmbio, motivo pelo qual algumas firmas contrataram junto aos bancos privados operações de crédito vinculadas a derivativos de câmbio com o intuito de baratear o seu custo.

Apostando na valorização do real e, portanto, vendas em dólar, muitas empresas incorreram em enormes prejuízos com os derivativos após a forte depreciação cambial no último trimestre de 2008, resultado da fuga de investidores estrangeiros dos mercados emergentes em decorrência do pânico gerado pela quebra do banco Lehman Brothers, nos EUA, em 15 de setembro de 2008. Vista pelo mundo como sistêmica, a crise *subprime* contagiou o Brasil na medida em que a redução da exposição dos investidores globais no país provocou uma rápida desvalorização cambial, que por sua vez ocasionou perdas financeiras para as empresas que haviam se aventurado com derivativos. Como pouco se sabia a respeito do tamanho dos prejuízos e quais instituições bancárias estavam envolvidas, o mercado de crédito no país paralisou no último trimestre de 2008 e início de 2009. O volume de novas concessões estagnou, os prazos dos empréstimos encurtaram, o *spread* se elevou e como consequência, a inadimplência das empresas aumentou. No entanto, mesmo com a crise, a relação crédito/PIB permaneceu em trajetória ascendente, graças à atuação anti-cíclica dos bancos públicos e do sistema de direcionamento de crédito.

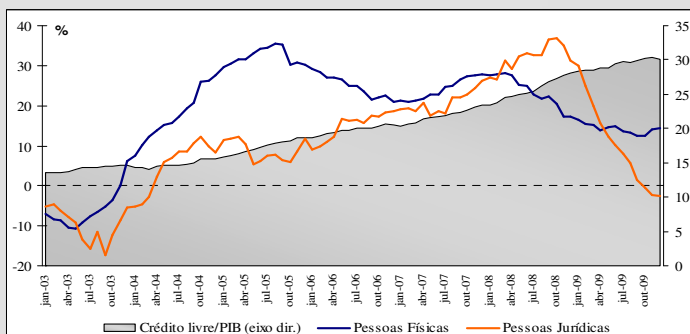


Gráfico 2 – Variação (%) real frente ao mesmo período do ano anterior do saldo de crédito livre por tipo de tomador (eixo esq.) e crédito com recursos livres em porcentagem do PIB (eixo dir.)

Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração própria.

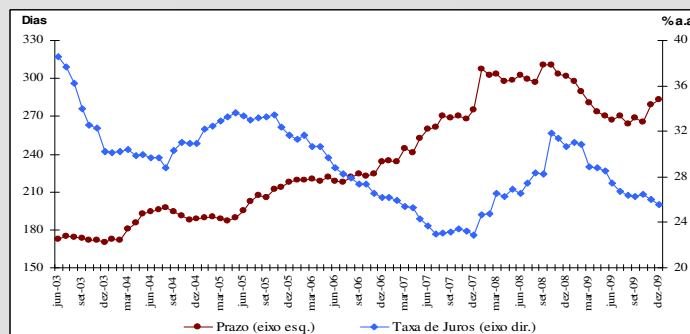


Gráfico 3 – Prazo e Taxa de Juros (médias) do crédito livre às pessoas jurídicas

Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração própria.

Conclusões

O ciclo recente de crédito, que se inicia em maio de 2003, pode ser dividido em duas fases: uma ascendente e outra de desaceleração. A fase ascendente (maio de 2003 até setembro de 2008) caracterizou-se pela expansão do crédito com recursos livres do sistema financeiro privado ao setor privado em geral, com ênfase a princípio nas pessoas físicas e em seguida, dado maior dinamismo da economia, dirigido sobretudo para as pessoas jurídicas. Já a fase de desaceleração (a partir de setembro de 2008) caracterizou-se pela contração do crédito por parte dos bancos privados diante do cenário incerto da economia, sendo compensada pela atuação anti-cíclica dos bancos públicos, com preponderância do mecanismo de direcionamento de crédito.